

A ESCRITA EM CAMPO MINADO

Vera Lins
Faculdade da Cidade - Letras

Há uma entre as várias questões que preocupam o personagem pintor do romance de Ronaldo Lima Lins, As perguntas de Gauguin, que me parece crucial para a arte e o pensamento brasileiros.

Depois de Hélio Oiticica e seus parangolés, de tropicalismos, concretismo e neo-concretismo, persiste a questão - como dar forma à modernidade tropical, com seu excesso, que é a nossa diferença, nossa marca e que, no entanto, continua nos escapando?

Também o livro de Armando Freitas Filho, De cor, parece ter a questão presente e não se furta a ela, mas fazer-lhe face, "sem saídas de emergência ou escadas de incêndio".

Ronaldo Lima Lins quer retomar um narrador e uma narrativa que parecem impossíveis hoje, quando o que temos à mão são apenas ruínas e fragmentos. No entanto, a impossibilidade se transforma em desafio e impulso.

É de um lugar também difícil que Armando escreve - "do extremo terrível do trampolim", querendo também, na contra-mão das vanguardas, uma poesia que se já comunicável, discurso, e não apenas o beco sem saída da palavra atomizada.

Armando convoca os poetas seus companheiros de modernidade - Mallarmé, Nerval, Lautréamont, Baudelaire; Ronaldo busca Thomas Mann, Musil, Proust, Kafka. E ambos, os artistas plásticos não-retinianos-Duchamp, com suas idéias-objetos e Gauguin, com suas idéias - cores.

Ambos, me parece, tentam recuperar uma tradição do moderno que se inicia com os românticos, avança com os simbolistas, está em Baudelaire e Proust, mas que as vanguardas, com suas certezas, seu otimismo e sua compulsão pela novidade, deixaram recalçada.

Armando vai a Ouro Preto, à procura do "escrito a carvão", do homérico de todo homem. E de uma história brasileira - a viagem a Minas que abalou os modernistas de 22

O homem homérico é o que sabia contar. Mas hoje o ritmo de Armando é o de um Pollock, asfixiado num espaço com limites, gesticulando atormentado suas angústias, ou o de um Stravinski, "atropelamento e fuga". Com tudo a ponto de ir pelos ares, banhado de luz e mar, em pleno verão. Entre o desejo de sentido e a explosão iminente, faz-se poesia.

Em Armando e Ronaldo, a realidade excessiva e dispersa se inscreve no vivido - passa por pele, osso e carne, "pelas sensações fora do estojo" e se concentra em imagens.

"O que eu crio, que relação mantém com o que eu vi?" Em Ronaldo, os indícios todos estão espalhados, meio à mostra, basta um bom detetive: as assembleias de professores, os assaltos de rua, o comício pelas diretas. A cidade surge dos nervos, olhos, da pele de seus personagens. O romance configura um espaço - Copacabana, Ipanema, Sta. Teresa, Av. Rio Branco - a cidade tropical, com cheiro de maresia e feira livre.

É a mesma cidade de Armando, em que a praia de verão, a loja de azulejos e louças fora de linha, a placa da firma de engenharia (Pégaso), vista do quarto de hotel, fazem parte do vivido, são nomes e se transformam em poesia.

Nesta cidade datada, a violência - a destruição que deixou tudo em cacos e restos, é dado essencial para ambos. O poeta "flâneur" pisa em lixo e paira sobre águas impuras: "Forças e Luz/Ando sobre as Águas/ e Esgotos. Piso em cima/ do Incêndio, do Telefone/das Águas Pluviais/ do Gás".

A gravura do pinto é rasgada e ele pensa em recompô-la: "Cumpria recolher os escombros e transformar a ruína em fonte de inspiração, de estética e de prazer".

A violência escande os versos de Armando - nervosos, irregulares, transformando os dados em "dardos": "Escrevo sob a luz entrecortada/das bombas que explodem/ nas águas da televisão".

Essa violência explode nas cenas do romance de Ronaldo: uma galeria de arte é destruída, flores se revelam bombas que fazem restaurantes voar pelos ares.

"Arte e barbárie". O pintor pensa a modernidade e "o progresso lhe ressurgiu corroído pelo azul da morte".

Os poemas do início do livro de Armando trazem a presença incontornável da morte na lembrança da amiga: "corte rápido nas veias do pulso e nesta cena"

Resguardando suas diferenças, com ambos, no entanto, não esquecemos - estamos em "terra de eternos terremotos". É com e contra essa violência que escrevem o romancista e o poeta. E nos escrevem.

Figuras se delineiam. Personagens solitários de um aventura malograda, olhando a sua volta e tentando recriar o que sobrou. Aqui e ali, entre as luzes do espetáculo, sob a luz tropical, nos dão vislumbres, cristais de um discurso possível.

A violência de um passado recente ficou gravada na memória: a tortura, no poema "Muito depressa", de Armando e o exílio, na personagem Liza, que tem a vida marcada pela saída dos pais às pressas do Brasil para a Inglaterra, no romance de Ronaldo. Mas a arte é escrita sobre pedra e por isso resiste: "homérico é todo homem". "Arte e eternidade". O avesso da moderna selvageria pode ser recuperado no paraíso selvagem de Gauguin.

* LINS, Ronaldo Lima. As perguntas de Gauguin. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

** FREITAS FILHO, Armando. De cor. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.